

# DF- ↓ Lixo hospitalar a céu aberto

Felipe Barra

**São 800** toneladas mensais de material potencialmente contaminante, depositadas no Lixão da Estrutural

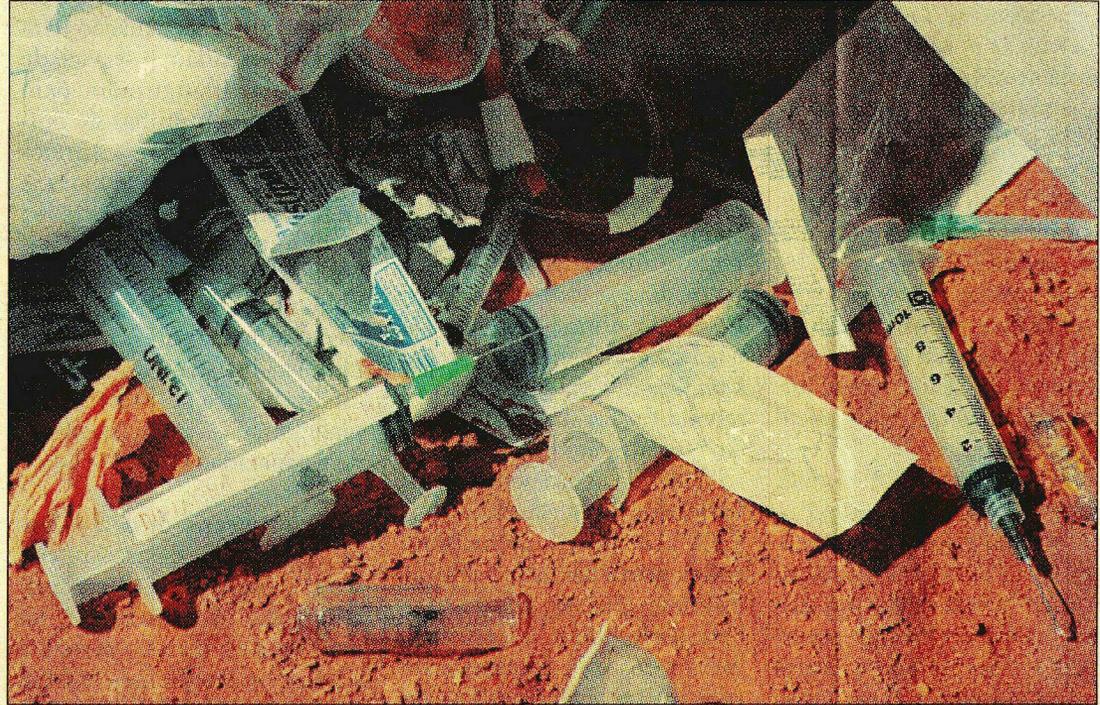
**T**odo o lixo hospitalar do Distrito Federal, 800 toneladas mensais de material potencialmente contaminante, está sendo depositado no aterro controlado do Jôquei Clube, conhecido como Lixão da Estrutural, sem qualquer precaução. São milhares de seringas descartáveis, agulhas de aplicação endovenosa, bolsas de sangue e de urina, restos de medicamentos, bisturis, luvas, máscaras, aventais e mangueiras cirúrgicas, gases, curativos e até colchões. Tudo que foi utilizado por pacientes muitas vezes portadores de doenças contagiosas como a Aids, hepatite e tuberculose.

Um material perigoso que, no lugar de ser incinerado, co-

mo determinam os preceitos básicos da saúde pública, é simplesmente enfiado em um terrado, causando riscos aos trabalhadores locais, à vizinhança e ao meio ambiente.

Só do Hospital de Base de Brasília, o maior da capital, saem diariamente, rumo ao aterro, em torno de 6,5 toneladas (16 contêineres padrão), segundo o diretor, Aluísio Toscano Franca. "Conforme determina a legislação, acondicionamos tudo em sacolas de plástico branco leitoso, com exceção do material perfuro-cortante, que é separado em caixas para prevenir o risco de acidentes no seu manuseio", detalha.

São poucos os hospitais da cidade que mantêm este cuidado. A reportagem do **Jornal de Brasília** esteve no Lixão, ontem pela manhã, e constatou uma quantidade enorme de seringas, agulhas e lâminas acondicionadas em sacos plásticos com outros resíduos hospitalares - por isso mesmo já furados e espalhando todo o conteúdo pela região. O próprio Serviço de Limpeza Urbana (SLU) tem apenas dois cui-



**Seringas usadas, agulhas, lâminas e até órgãos humanos: material depositado sem cuidados**

dados diferenciados com este tipo de lixo perigoso: caminhões exclusivos para a coleta nos hospitais e o enterro do material em valas separadas, embora vizinhas do lixo doméstico.

"A situação ocorre há mais de três anos, desde que a Usina de Incineração de Lixo Es-

pecial (UILE) da Ceilândia, instalada para receber os resíduos dos hospitais e também animais mortos, foi desativada", confirma o chefe da assessoria de Planejamento do SLU, Cláudio Rachid Dias. Segundo ele, uma reforma mal gerenciada substituiu o material refratário especial que recobre o

interior da usina por um não resistente à temperatura de 1.200 graus centígrados. "Estamos finalizando uma nova reforma e até o final de agosto estimamos recolocar a usina em operação", anunciou.

**MÁRCIA QUADROS**

Repórter do JORNAL DE BRASÍLIA